

# IMAGÉTICAS DE UM NORDESTE BRASILEIRO PLURAL, DIVERSO E MULTIFACETADO

Frederico do Nascimento Rodrigues<sup>1</sup>

Eustógio Wanderley Correia Dantas<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo faz investigação pautada em um contexto histórico, por meio de movimentos progressivos-regressivos, representativos de uma pesquisa diacrônica. A partir deste, investigam-se desdobramentos que delinham imagéticas de um nordeste multifacetado, plural, diverso, virtuoso e “moderno”, pautado em duas imagens: agronegócio, produtor de frutas e grãos, a reproduzir primeira imagética na hodiernidade; e o turismo litorâneo, representativo da segunda imagética. Essas imagens, grosso modo, dinamizam/modificam as paisagens e as atividades que englobam escala nacional/internacional, gerando fluxos de *commodities* e de pessoas, respectivamente. Nesse ínterim, observa-se nova variável que adentra as ambiências litorâneas/sertanejas nordestinas, que adere a novas perspectivas, passando a ter visibilidade não só pelo turismo, mas também pela produção de energia eólica, solar e mais recentemente de hidrogênio verde. Nesse contexto, assiste-se ao delineamento de uma terceira imagética, a qual convencionou-se chamar de o “Nordeste que descobriu os ventos”, e passa a investir de forma pujante na produção de energia “sustentável”, a partir dos ventos, propagando uma imagem virtual e positiva da região fundida ao agronegócio e ao turismo litorâneo. Assiste-se a uma parcela de empresários privilegiados que atuam no setor agrícola, turístico e/ou eólico que eclipsam imagens negativas do passado de um Nordeste pobre, da semiaridez e da fome. Desse modo, cria-se a imagem de uma região de possibilidades a atrair investimentos em âmbito nacional/internacional, contribuindo na concepção do moderno e atrativo. Debruça-se, então, em uma investigação qualitativa, com aferições quantitativas, um estudo exploratório, por meio do qual realizam-se procedimentos técnico-metodológicos como observação, entrevistas, pesquisa documental, levantamento bibliográfico, dados primários/secundários, elaboração de quadros, gráficos e produção cartográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço; Tempo; Agronegócio; Turismo; Eólica; Litoral.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia na Universidade Federal do Ceará. Professor do Departamento de Geografia UECE/UFC, correio eletrônico: fredericonettur@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6762-7129>.

<sup>2</sup> Doutor em Geografia e Planejamento na Universidade Paris-Sorbonne. Professor do Departamento de Geografia (UFC), correio eletrônico: ewcdantas@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9656-1328>.

## IMAGES OF A PLURAL, DIVERSE AND MULTIFACETED NORTHEASTERN BRAZIL

**ABSTRACT:** The article put on screen investigates a historical context, through progressive-regressive movements, representative of a diachronic research. It investigates unfoldings that delineate imagery of a multifaceted, plural, diverse, virtuous and "modern" northeast based on three images: agribusiness, fruit and grain producer, to reproduce the first imagery in modernity and coastal tourism, representative of a second. These activities, roughly speaking, dynamize/modify the landscapes, activities that encompass a national/international scale, generating flows of commodities and people, respectively. In the meantime, a new variable is entering the Northeastern coastal/sertanejo environments, which adheres to new perspectives, becoming visible not only for tourism, but also for the production of wind, solar, and, more recently, green hydrogen energy. In this context, we witness the delineation of a third imagery, which is conventionally called "the Northeast that discovered the winds", and starts to invest heavily in the production of "sustainable" energy from the winds, propagating a virtual and positive image of the region merged with agribusiness and coastal tourism. A small number of privileged entrepreneurs working in the agricultural, tourism, and/or wind power sectors obscure negative images from the past of a poor, semi-arid, and hungry Northeast. An image is created of a region of possibilities to attract investments on a national/international level, contributing to the conception of the modern and attractive. This is qualitative research, with quantitative measurements, an exploratory study where technical-methodological procedures such as observation, interviews, documental research, bibliographical survey, primary/secondary data, elaboration of tables, graphs, cartographic production, etc., were carried out.

**KEYWORDS:** Space; Time; Agribusiness; Tourism; Wind Energy; Coast.

## IMAGENES DE UN NORESTE BRASILEÑO PLURAL, DIVERSO Y MULTIFACÉTICO

**RESUMEN:** El artículo puesto en pantalla realiza una investigación basada en un contexto histórico, a través de movimientos progresivo-regresivos, representativos de una investigación diacrónica. Investiga desdoblamientos que delinean imaginarios de un nordeste multifacético, plural, diverso, virtuoso y "moderno" a partir de tres imágenes: la agroindustria, productora de frutas y granos, para reproducir el primer imaginario en la actualidad y el turismo costero, representativo de un segundo. Estas actividades, a grandes rasgos, dinamizan/modifican los paisajes, actividades que abarcan la escala nacional/internacional, generando flujos de mercancías y personas, respectivamente. En este ínterin, hay una nueva variable que entra en los ambientes costeros/sertanejos del Nordeste, que se adhiere a nuevas perspectivas, haciéndose visible no sólo a través del turismo, sino también a través de la producción de energía eólica, solar y, más recientemente, de hidrógeno verde. En este contexto, asistimos a la delineación de un

tercer imaginario, que se denomina convencionalmente "el Nordeste que descubrió los vientos", y que comienza a invertir fuertemente en la producción de energía "sostenible" a partir de los vientos, difundiendo una imagen virtual y positiva de la región fusionada al agronegocio y al turismo costero. Un pequeño número de empresarios privilegiados que trabajan en los sectores de la agricultura, el turismo y/o la energía eólica oscurecen las imágenes negativas del pasado de un Nordeste pobre, semiárido y hambriento. Se crea la imagen de una región de posibilidades para atraer inversiones de alcance nacional/internacional, contribuyendo a la concepción de lo moderno y atractivo. Se trata de una investigación cualitativa, con mediciones cuantitativas, un estudio exploratorio donde se realizaron procedimientos técnicos y metodológicos como observación, entrevistas, investigación documental, relevamiento bibliográfico, datos primarios/secundarios, elaboración de cuadros, gráficos, producción cartográfica.

**PALABRAS CLAVE:** Espaço; Tempo; Agroindústria; Turismo; Viento; Litoral.

### INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

O artigo posto em tela apresenta um Nordeste virtuoso e "moderno" que, na hodiernidade, difunde duas imagéticas, a primeira associada ao agronegócio no campo, produtor de frutas e grãos, que desenvolve uma agricultura irrigada, sob os auspícios de uma modernização conservadora. A segunda pauta-se no turismo litorâneo, que dinamiza e modifica as paisagens nordestinas, a partir da consolidação do "divisor de águas" que foi o PRODETUR/NE; atividades que geram fluxo de *commodities* e de pessoas, respectivamente. É nesse contexto que Rodrigues (2021) percebe nova variável que adentra as ambiências litorâneas nordestinas, que se abrem gradativamente a novas perspectivas, destacando-se na produção de energia eólica, que, paulatinamente, pontilha as zonas de praia brasileira. Isto posto, o Nordeste responde por mais de 90% de energia eólica produzida no país; dos 1.191 parques instalados no Brasil, 1.085 situam-se na região homônima.

---

<sup>3</sup> As palavras contidas na introdução, acompanhadas de aspas, têm o intuito de chamar atenção do leitor e convidá-lo a fazer algumas reflexões de teor crítico-analítico.

A investigação é balizada sob os auspícios de um Nordeste plural, diverso, multifacetado, que é fragmentado, redimensionado, desconstruído, reconstruído no tempo-espaço e que na contemporaneidade vislumbra o que se denomina de tríade imagética: 1ª Nordeste do Agronegócio, 2ª Nordeste Turístico e 3ª Nordeste eólico. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é evidenciar a difusão de uma terceira imagética da região, associada ao “Nordeste que descobriu os ventos” e que passa a investir de forma pujante na produção de uma energia “sustentável”, oriunda dos ventos que sopram dos trópicos e tocam litoral/sertão e contribuem para fomentar imagem positiva da região, junto ao agronegócio e ao turismo litorâneo, eclipsando imagens negativas do passado, secas cíclicas, pobreza, semiaridez e fome.

Amplos investimentos, posição geográfica favorável, ventos constantes e unidirecionais fazem que a região se apresente como espaço luminoso (Santos; Silveira, 2006) da energia eólica. A propagação de um Nordeste eólico é difundida por meios televisivos, jornais, internet, estudos acadêmicos, empresas e governo, que disseminam um Nordeste moderno, capitaneado como maior produtor de energia eólica, o que contribui de forma grandiosa para a consolidação de uma terceira imagética.

Cabe destacar que são vários os “Nordestes” mensurados por escritores, historiadores, geógrafos, sociólogos, antropólogos, no entanto, na percepção de Dantas (2013), Elias (2011) e Rodrigues (2021), as três atividades que dão notoriedade ao Nordeste em âmbito nacional/internacional e forjam imagens que desconstroem a ideia de “região problema” construída em tempos pretéritos são o agronegócio, o turismo litorâneo e a energia eólica. O intendo não é confrontar teorias de outros autores, mas contribuir no debate acadêmico-científico-informacional.

Observam-se diversificadas temporalidades no Nordeste, nota-se que o território se molda às atividades econômicas que se dão ao longo do tempo,

seguindo a lógica do contexto histórico, realidade classificada por Santos e Silveira (2006) de território usado, que perpassa o Nordeste colonial produtor de açúcar, algodão e pecuarista, que, na hodiernidade, vislumbra a inserção de técnicas em seu território, o que impulsiona a região para uma economia-mundo. Nesse contexto, emergem atividades que difundem imagens positivas da região, desdobramentos que instigam o pesquisador a construir uma análise geográfica de cunho regional.

## NORDESTE HODIERNO: TERRITÓRIOS ONÍRICOS DO AGRONEGÓCIO - 1ª IMAGÉTICA

O Nordeste apresenta características geoambientais singulares, nas quais se vislumbra a rigidez do semiárido com poucas alterações nas estações, baixos índices pluviométricos e elevadas temperaturas que variam de 28°C a 33°C, algumas porções da região têm o calor amenizado pelos ventos alísios que sopram dos trópicos para a linha do equador. Para Castro, Gomes e Correa (1996), no Nordeste existe um duplo discurso relacionado à natureza semiárida. Um mais antigo que atribui às condições físico-geográficas, como fator limitante, uma visão um tanto determinista, a explicar os problemas socioeconômicos da região, por meio dos quais os entraves são impostos pelo clima como uma das causas fundamentais das problemáticas vividas.

Outro discurso mais recente aponta a escassez pluviométrica como benéfica, pois dificulta a reprodução de pragas e tem na grande extensão dos solos enorme potencial para agricultura irrigada de caráter empresarial classificada de agronegócio, que recentemente insere semiárido e cerrado nordestino nos circuitos produtivos da agropecuária globalizada, tornando-os partícipes nos processos de (re) produção dos espaços agrícolas em âmbito nacional/internacional.

Dantas (2002), ao falar dos discursos que imperam no Nordeste, reforça a tese de Castro, Gomes e Correa (1996) ao apontarem que existem dois quadros simbólicos, um mais antigo a fortalecer as imagens negativas do semiárido nordestino, que beneficia uma oligarquia algodoeira-pecuarista. O segundo, mais recente, coloca em prática novo discurso, apresentando o semiárido por outro prisma, relacionando-o a uma virtualidade. Constrói-se imagem positiva que, dessa vez, relaciona-se aos interesses dos empresários inseridos no agronegócio e no turismo. Para Dantas (2013), a reflexão que envolve o semiárido é retomada, suas virtualidades são evidenciadas no surgimento de dois “Nordestes”, do agronegócio no campo e do turismo litorâneo. Rodrigues (2021) aponta um terceiro “O Nordeste que descobriu os ventos” associado à produção de energia a partir dos ventos que tocam litoral e sertão.

No agronegócio, o Nordeste ganha notoriedade por meio do apoio financeiro fornecido pelo Banco do Nordeste do Brasil - BNB, que possui rede bancária instalada nos nove estados da região, como também no norte de Minas Gerais e do Espírito Santo, concedendo 55% de crédito rural e 61,4% dos financiamentos de longo prazo. No que tange ao crédito rural, tem-se saldo ativo total de 25,6 bilhões, 9,3 bilhões destinados à agricultura familiar e 16,3 bilhões destinados ao agronegócio empresarial (BNB, 2019), vislumbra-se, desse modo, que boa parte dos investimentos são direcionados ao agronegócio e não aos pequenos agricultores, apesar destes receberem significativo volume de investimentos.

O sucesso do agronegócio associa-se às condições naturais favoráveis à produção frutícola, aliada aos aspectos infraestruturais/econômicos, como a construção de reservatórios hídricos, sistemas técnicos de irrigação, ampliação de malha viária, fatores atrativos para empresas agrícolas modernas e mercado de insumos.

Na década de 1980, a agropecuária nordestina não sofreu grandes transmutações e passou a consolidar ocupação de novas áreas pela agricultura globalizada. O programa de agricultura irrigada desenvolvido no semiárido, em meados da década supracitada, apresenta-se como maior instrumento de inserção e incremento do setor agrícola, tendo o submédio São Francisco como primeiro a vivenciar difusão da atividade, apresentando-se na contemporaneidade como relevante vale úmido na produção de frutas para exportação, onde se denotam variáveis produtivas que vão de olerícolas, até produtos típicos de zonas úmidas, como uva, e diversidade de frutas tropicais voltadas prioritariamente para o mercado internacional (Gomes, 2019).

Em 2019, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA lançou plano de ação do Governo Federal denominado Agronordeste, cujo objetivo foi impulsionar o desenvolvimento econômico, social e sustentável dos espaços rurais nordestinos. O projeto tem como meta apoiar a organização das cadeias agropecuárias que possuem significativa relevância e/ou potencial; o intento é ampliar/diversificar a comercialização, aumentando a eficiência produtiva e os benefícios sociais. Entre 2019 e 2020, priorizaram-se doze agropólos, cerca de 410 mil estabelecimentos rurais foram contemplados pelo projeto. Na Figura 1, observa-se a espacialização dos doze polos agrícolas e de importantes infraestruturas de apoio, como hidrovias, ferrovias, rodovias e portos, que, curiosamente, entrecruzam-se nos espaços luminosos de produção.

**Figura 1** – Mapa dos Territórios do Agronordeste



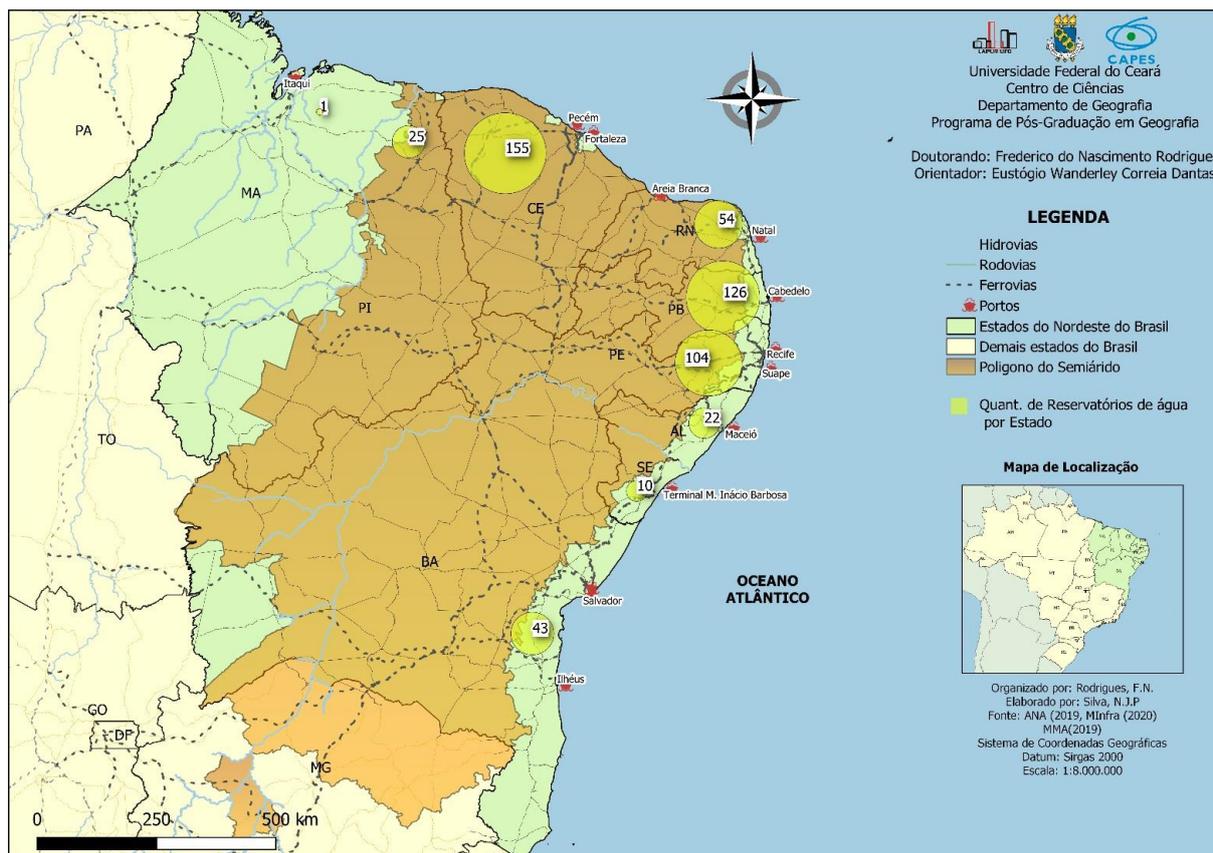
**Fonte:** Relatório do Agronegócio (2019) - Banco do Nordeste, BNB. Organização e elaboração dos autores (2020).

Dentro dessa perspectiva, Elias (2011) aponta áreas difusoras do agronegócio no Nordeste, em especial na produção de grãos (soja, algodão, café e milho) ou de frutas tropicais, todas voltadas à exportação. Ela classifica essas áreas de Regiões Produtivas Agrícolas – RPAs. O agronegócio está associado às planícies fluviais, regiões de maciços especializados na produção de frutas; e o cerrado nordestino destaca-se com a produção de soja. Aqui, cabe mensurar a expressão MATOPIBA, acrônimo representativo das iniciais dos estados do Maranhão, de Tocantins, do Piauí e da Bahia, em que se vislumbra nova expansão da fronteira agrícola brasileira, pautada em tecnologias modernas que garantem alta produtividade, seguida da intensificação do uso de terras, desapropriações e impactos socioambientais de grandes proporções aos biomas Cerrado e Caatinga, alguns em estágio de degradação irreversível (Elias, 2017).

Matopiba é mais um indicativo da imagem do Nordeste do agronegócio; dos quatro estados partícipes, três integram região homônima. Essa área apresenta-se com grande densidade técnica e tecnológica para o desenvolvimento territorial agrícola, sendo responsável por grande parte da produção brasileira de grãos e fibras, onde gradativamente vislumbra-se o aumento da produtividade. Na área que abrange Matopiba, evidenciam-se 337 municípios, 73 milhões de hectares e 324 mil estabelecimentos agrícolas. Em 2019, aplicou-se cerca de 1,9 bilhões, injetados no cultivo da soja, do arroz e do algodão (BNB, 2019).

Entram em cena novas variáveis como uva (sem semente), manga (sem fibra), melão, castanha de caju. Desse modo, a inserção de novas culturas e a transformação de produtos nacionais contribuem para a ressignificação de símbolos da agricultura nordestina, agora pautados nos frutos tropicais, saudáveis e naturais, associados ao clima e à beleza da região que tem a imagética da “região problema” eclipsada (Cavalcanti; Mota; Silva, 2006). Nesse cenário, vislumbra-se uma política de gestão das águas que possibilita acúmulo da referida em tempos de abundância nos reservatórios e posteriormente a sua distribuição em pontos estratégicos. Dessa forma, apresenta-se, na Figura 2, o número de reservatórios existentes no Nordeste que atende a demanda local, do agronegócio e/ou da população, observando-se maior condensação desses equipamentos nos estados do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco.

**Figura 2** – Mapa dos reservatórios por estado



**Fonte:** Agência Nacional de Águas – ANA (2018); Ministério de Infraestrutura - Minfra (2020); Ministério do Meio Ambiente – MMA (2019). Organização e elaboração dos autores (2020).

Concomitantemente, tem-se a integração de diversas bacias hidrográficas, sendo a última construção que se evidencia nesse cenário de modernização da agricultura a ligação com o São Francisco. Nessa lógica, têm-se disponíveis solos férteis, índices de insolação vistos em poucos lugares do mundo e água disponível para a produção, o que faz que haja na região uma política agressiva de produção de alimentos e principalmente de frutas, que são extremamente valorizadas pelo mercado internacional, mas que também mudam os hábitos alimentares dos nordestinos que passam a incorporar essas frutas à alimentação diária (Dantas, 2019).

Dantas (2019) aponta que se fortalecem os polos de desenvolvimento integrado que vão se concentrar numa parcela representativa do Nordeste, emergindo uma caracterização marcante na contemporaneidade, a fragmentação da região, num movimento de desconstrução/reconstrução. Em tempos

pretéritos, na delimitação de Manoel Correia de Andrade, nas sub-regiões fitogeográficas, tinha-se a cultura da pecuária, do algodão (Sertão) e da produção do açúcar (Zona da Mata); na hodiernidade, fala-se de um Nordeste do agronegócio, presente numa parcela específica do território extremamente valorizada, que dispõe de condições ambientais e de acesso à água, permitindo a implementação de uma política de desenvolvimento que insere dadas localidades na economia-mundo.

Dentro dessa racionalidade do agronegócio, há a incorporação do Sul do Maranhão, do Sul do Piauí, do Sudoeste da Bahia, produtores de soja, extremamente valorizada pelo mercado internacional, fazendo que se tenha a constituição de uma política de ocupação, de transformação social, econômica e política que atua nessa parcela do território, fazendo eclodir embates pelo poder, *vis-à-vis* a tentativa de grupos locais de adquirir independência em relação aos estados e/ou à política, nos quais estão inseridos.

Dessa forma, coloca-se em xeque as imagens/representações que se tinha no passado. Assiste-se à passagem de um imaginário social/político representativo de uma região produtora de alimentos, mas que sofreu impactos de natureza perversa, a justificar políticas de industrialização. Forjam-se imagens virtuais positivas do sertão/litoral, que alavanca investimentos no domínio do agronegócio e do turismo, variáveis inovadoras. Atividades que são difundidas nos interstícios de uma região que, em tempos pretéritos, apresentava-se numa perspectiva monocultora industrializada.

#### POR UMA GEOGRAFIA URBANA E REGIONAL DOS LAZERES: O NORDESTE TURÍSTICO – 2ª IMAGÉTICA

A apropriação/valorização do mar e do marítimo ocasionou significativos desdobramentos no Nordeste, região que passou a investir nesta variável litorânea na década de 1990, momento em que a atividade turística ganhou

notoriedade. Observam-se novas formas de atuação dos Estados, o que representa transmutações significativas que guiam a economia nordestina a trilhar novos percursos (Pereira; Dantas; Gomes, 2016), vislumbrando-se o turismo como tábua de salvação. Segundo Santos (2013), na década de 1970, o Nordeste já emergia como promissor na atividade turística; nascia nos governos nordestinos a concepção de explorar a atividade.

Nas décadas de 1960-1970, a dinâmica dos lazes marítimos era pouco marcante, sendo vislumbrada apenas em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro, que representam de fato o que seria essa dinâmica em território nacional. Imprime-se, então, uma lógica pautada no turismo em âmbito nacional-internacional, entretanto, o turismo de caráter local-regional também se faz presente. Essa realidade denota políticas de turismo eminentemente estaduais; nessa perspectiva, é que o Rio de Janeiro adquire papel de destaque. É nesse estado que o Governo Federal direciona maior volume de investimentos e um conjunto de políticas que permitem a invocação/construção de uma imagem turística do estado, que culmina no tempo na caracterização da cidade homônima enquanto “espelho”, a partir do qual o turista internacional pode vislumbrar o Brasil (Dantas, 2019).

A década de 1990 foi pedra angular nesse processo, pois assistiu-se ao desenvolvimento de programas que se voltam ao turismo. Pode-se aqui destacar políticas públicas federais em consonância com as esferas estadual e/ou municipal, cuja lógica é a melhoria da infraestrutura nordestina, especificamente dos municípios litorâneos de relevância turística. Destaca-se a política de “Megaprojetos turísticos” seguida do PRODETUR/NE; a primeira, amplia a infraestrutura hoteleira regional; a segunda, aperfeiçoa infraestrutura básica e de acesso, bem como melhora o sistema institucional de gestão turística (Taveira, 2015).

Nesse cenário, emerge o PRODETUR/NE, financiado com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID e tendo o BNB como órgão executor. Injetam-se razoáveis investimentos para melhoria da infraestrutura turística como saneamento, transportes, urbanização; implantar projetos de proteção ambiental, do patrimônio histórico e cultural; capacitar profissionais; fortalecer as administrações de estados e municípios. De acordo com Silva *et al.* (2006), na primeira fase do PRODETUR/NE, entre os anos de 1995 e 2003, foi previsto investimento de 900 milhões de reais para os estados nordestinos, quantia distribuída diferencialmente entre os estados. Bahia ficou com maior parcela, 300 milhões, seguida do Ceará, com 160 milhões, o que totaliza 51% do volume de recursos totais.

O litoral nordestino tem a seu favor, para os desdobramentos dos lazeres marítimos, extensa linha de costa, representativa de variados tipos de paisagens e espaços singulares para o lazer, vilegiatura, turismo, esportes náuticos. Como destaque, têm-se os estados da Bahia, do Ceará, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, que apresentam metrópoles mais fluídas e processo de turistificação consolidado em seus interstícios urbano-litorâneos (Cordeiro; Bento; Britto, 2011).

Em sua primeira fase, o PRODETUR/NE traz importantes ações do ponto de vista logístico, alavanca significativas transformações no Nordeste, sobretudo, na zona costeira, que se transmuta num verdadeiro espaço dos lazeres marítimos. O programa insere o turismo, prepara a região para receber e ampliar fluxos turísticos em âmbito nacional e internacional. Obscurece-se mais uma vez a concepção de “região problema” para a de região desenvolvida que passa a valorizar, modernizar e reestruturar seus espaços idílicos litorâneos. O PRODETUR I corrobora para a tessitura da imagem turística do Nordeste, que se dá no tempo e no espaço por meio da valorização do mar e do marítimo.

A urbanização pelo turismo se iniciou com o PRODETUR I, oficialmente implantado em 1995, sendo finalizado em 2005. Em 2002, ampliou-se a área de

atuação por meio do PRODETUR II, sendo concluído em 2012. Em 2010, ocorreram impasse, questionamentos e reivindicações por parte de estados não-nordestinos, o que fez que o programa fosse descentralizado, deixasse o âmbito regional e passasse a atuar em escala nacional, ganhando denominação de Prodetur Nacional, atuando no norte de Minas Gerais (polígono das secas) e do Espírito Santo.

Na segunda fase do PRODETUR/NE, consolidou-se a imagética turística que mudou enormemente a realidade geográfica do Nordeste, que se apresentou com outra virtualidade à disposição dos governantes e dos empresários do sol, cuja tônica não se explica apenas pela lógica do trabalho, da produção de alimentos, mas pelas dinâmicas dos lazeres marítimos, na ânsia, no desejo das populações locais/regionais/globais em usufruir das ambiências litorâneas, realidade que se nutriu a partir da efetivação de polos atrativo de lazer e turismo. Mudaram-se completamente a percepção, os interesses, os pontos de vistas e as dimensões na agenda política nordestina, delineou-se, assim, a imagética de um Nordeste que até então não era conhecido.

Segundo o Mapa do Turismo Brasileiro (2019), evidencia-se que gradativamente, ao longo do tempo, há uma evolução dos números de municípios partícipes da atividade turística, fazendo emergir polos turísticos litorâneos e não-litorâneos. Durante as duas fases do PRODETUR/NE, percebem-se 13 polos turísticos contemplados e consolidados, sendo doze litorâneos e um não-litorâneo (Chapada Diamantina – BA). Na Figura 3, nota-se expansão para 29 polos turísticos litorâneos, prova de que na contemporaneidade, políticas, projetos e investimentos continuam cada vez mais pujantes e presentes na região, que, de forma agressiva, tem seus espaços turistificados. Percebe-se que o turismo, de caráter regional, efetivado no Nordeste não é praticado apenas nas ambiências litorâneas, mas nos demais espaços, como as sub-regiões da Zonas da Mata, do Agreste, do Sertão e do Meio-Norte.

**Figura 3** – Mapa dos polos turísticos nordestinos (litorâneos e não-litorâneos)

A busca pelas ambiências litorâneas para prática de lazer, vilegiatura e turismo se dão sob tônica mais agressiva do que em outras paragens, no entanto, o mapa apresenta de forma concisa uma busca pela atividade turística no interior do Nordeste. Vislumbra-se, desse modo, a busca por outros segmentos da atividade que estão para além do desejo pelo sol e mar, o que de certa maneira ressignifica a natureza semiárida, vista no passado como limitante ao desenvolvimento de qualquer atividade. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019) e Ministério do Turismo (MTUR, 2019), a região Nordeste possui 156 municípios defrontes ao mar; 137 fazem parte dos 29 polos turísticos consolidados nos nove estados nordestinos.

Em 2008, o MTUR, em parceria com o BID, lançou o PRODETUR Nacional. Um ano antes, em 2007, foi criado o Programa de Aceleração do Crescimento, promovendo a retomada do planejamento e a execução de grandes obras de

infraestrutura social, urbana, logística e energética, denominado de “desenvolvimento acelerado e sustentável” (Brasil, 2016). Para Araújo (2018, p. 79), mesmo o PAC não sendo política específica voltada ao turismo, mostrou-se de grande relevância à atividade, em especial na inserção de infraestrutura rodoviária, construção/reforma de aeroportos e portos. No que tange à questão das rodovias federais, dinamizou-se a fluidez do turismo regional, sobretudo, nordestina.

O Programa de Aceleração do Crescimento - PAC, assim como o PRODETUR/NE, teve objetivos similares de qualificar os territórios dos estados, objetivando-se a internacionalização dos destinos, o que, grosso modo, fez convergir fluxos turísticos à região. Cabe destacar, baseando-se em Dantas (2019), que a construção de uma imagética positiva do Nordeste, capitaneada pelo agronegócio e pelo turismo litorâneo, numa perspectiva socioeconômica e de políticas direcionadas às populações menos abastadas não propiciaram eliminação da fome e dos problemas vislumbrados na região.

### O NORDESTE QUE DESCOBRIU OS VENTOS: ALÍSIOS QUE TOCAM O LITORAL/SERTÃO - 3ª IMAGÉTICA

Neste tópico, apresentar-se-ão, por meio de cartografia, dados primários, informações e reflexões, análise de um Nordeste plural, diverso e multifacetado que difunde um terceiro momento captado pelos autores que percebem a consolidação de novíssima imagética. Para Rodrigues (2021), emerge um “terceiro Nordeste”, ligado aos ventos alísios que tocam litoral e sertão, o “Nordeste que descobriu os ventos”, tese defendida pelos autor homônimo.

Assim como imagéticas anteriores, esta também se propaga em escala nacional/internacional. Sumariamente, deve-se destacar que isso não beneficia a população autóctone de forma genuína, pois muitas comunidades litorâneas ainda permanecem invisíveis no processo de produção de energia eólica, que

ocasiona sensíveis impactos socioambientais nas zonas de costa brasileira. Apesar deste cenário, notam-se algumas políticas de compensação realizadas por empresas eólicas, o que as vezes não é suficiente, mas denota, mesmo que de forma embrionária, um caminho de diálogo entre comunidades e intervenientes.

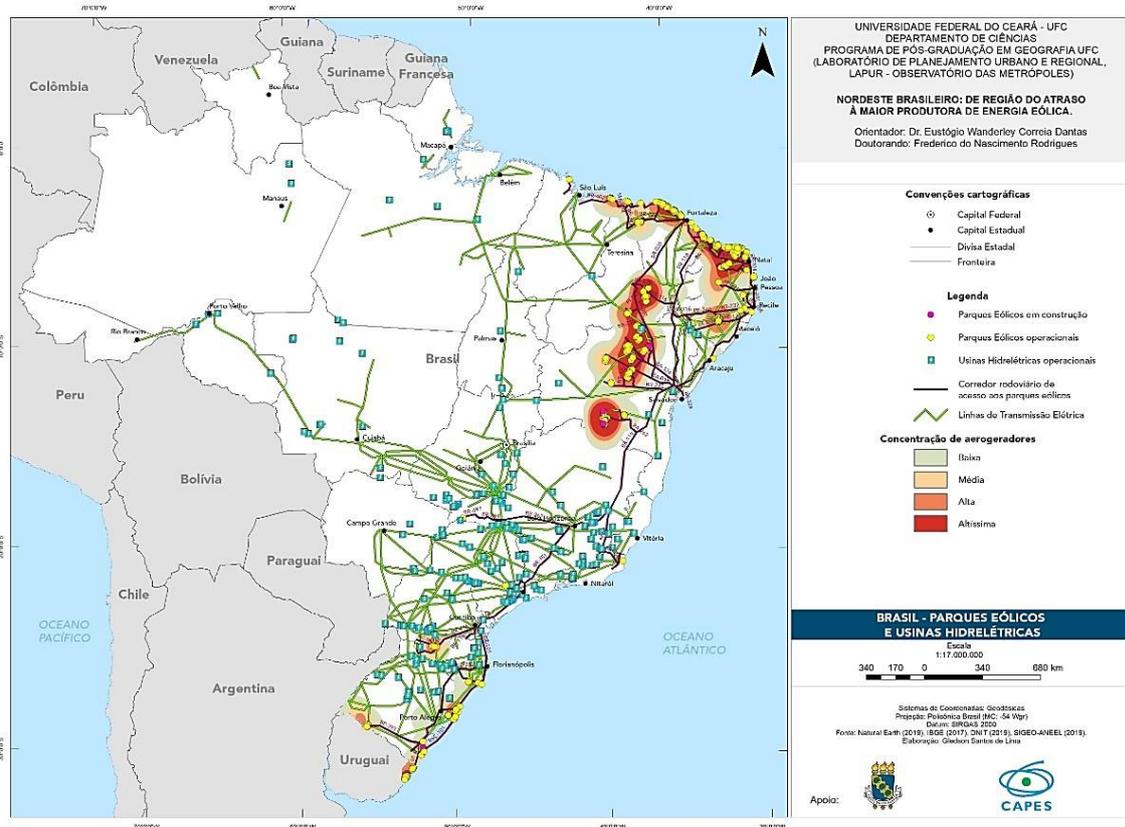
O setor energético tem como objetivo central atrair maior volume de investimentos/investidores, consolidar parcerias público-privadas entre governos, empresários, empreendedores e empresas, sejam em âmbito local, regional e/ou global. Nota-se que o litoral se transmuta para um espaço atrativo não só dos lazeres marítimos, vilegiatura e do turismo, mas de uma produção energética que gradativamente pontilha à zona de costa brasileira; o Nordeste não foge à regra, apresentando-se com maior capacidade de geração e número de parques eólicos.

No panorama eólico-energético nordestino, destacam-se alguns estados que colaboram na construção/consolidação da imagética eólica. O Ceará, precursor do avanço eólico no Brasil, América Latina e Caribe, é o primeiro estado a construir um parque eólico no país; possui cerca de 112 parques eólicos em seu território, o que representa cerca de 2,9 GW de capacidade instalada. Rio Grande do Norte, com 344 parques (11,2 GW), vem se destacando em duas áreas geográficas; por lá, os ventos tocam litoral e sertão. Registram-se nas ambiências litorâneas ventos que variam de 5 m/s a 9,5 m/s. O território potiguar ganhou notabilidade em 2014, quando tornou-se maior produtor de energia eólica, recentemente ultrapassado pela Bahia, que possui 401 parques eólicos, contabilizando 11,8 GW de potência instalada (ANEEL, 2019).

Segundo Guimarães Neto e Vieira (2009), existe uma combinação perfeita no Nordeste, entre brisas diurnas e alísios de leste que propiciam ventos de grande intensidade, constância e unidirecionais, sobretudo, no Maranhão, no Piauí, no Ceará, no Rio Grande do Norte e na Bahia que, respectivamente, possuem 16, 125, 112, 344 e 401 parques eólicos. Nos demais estados, notabilizam-se 44 na Paraíba, 42 em Pernambuco e 1 em Sergipe; ao todo, a região

possui cerca de 1.085 parques eólicos (ANEEL, 2019). Na Figura 4, evidencia-se a espacialização dos parques eólicos em âmbito nacional, sendo possível perceber com maior potência a consolidação de sistemas técnicos e de engenharia (complexos eólicos) concentrando-se no Nordeste, fato evidenciado a partir das manchas geoenergéticas que denotam o nível de concentração dos aerogeradores que varia de baixa (cinza) à altíssima (vermelha).

**Figura 4** – Mapa da espacialização dos parques eólicos no Brasil



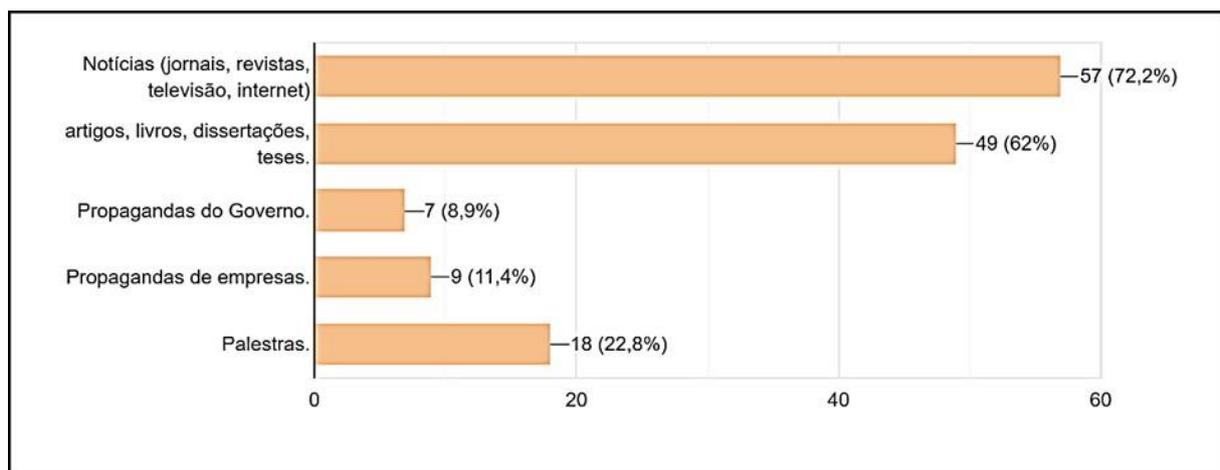
**Fonte:** Natural Earth (2019), IBGE (2017), DNIT (2019), SIGEO-ANEEL (2019). Organização e elaboração dos autores (2019).

Por meio do mapa, nota-se maior número de linhas de transmissão energética (linhas em verde), concentradas nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, bem como hidroelétricas. Nesse contexto, para superar déficit energético histórico, restou ao Nordeste uma alternativa: investir no condicionante natural e na posição geográfica favorável que permitem aproveitamento dos ventos que tocam litoral e sertão, para suprir carência energética, além de investimentos direcionados à energia fotovoltaica e hidrogênio verde. Os complexos eólicos

territorializam-se tanto na faixa litorânea, como em áreas do semiárido. O uso corporativo do território com fins energéticos possibilita a inserção/o aperfeiçoamento da infraestrutura rodoviária (linhas em roxo) e de transmissão energética que se fixam próximo aos parques e atendem demanda do setor energético.

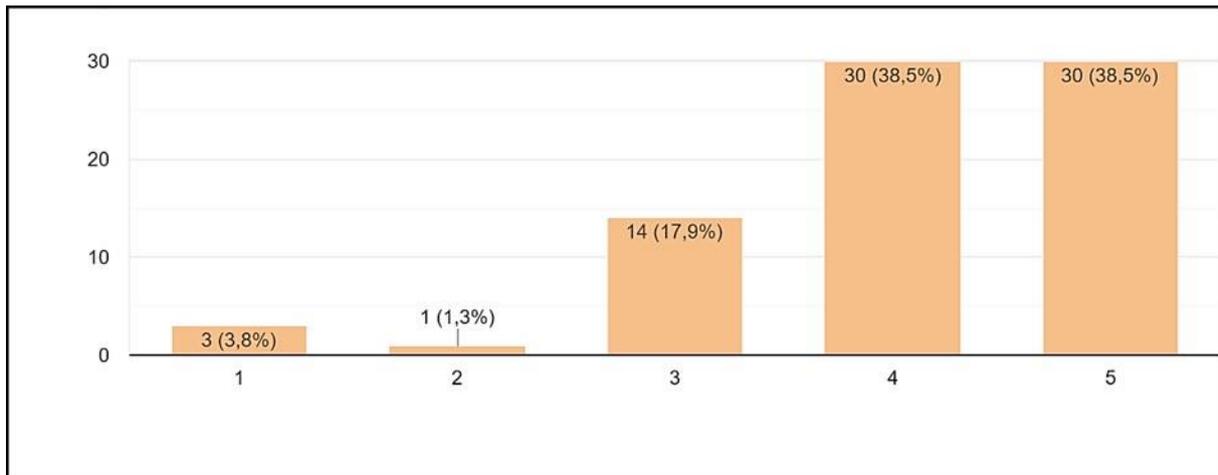
Numa tentativa de vislumbrar de forma mais relevante essa imagética, aplicaram-se oitenta questionários eletrônicos, utilizando-se a escala *likert*. Os questionários foram direcionados a quatro grupos distintos de pessoas: acadêmicos, visitantes/turistas assíduos ou não do litoral, profissionais da cadeia produtiva das eólicas e das comunidades afetadas direta/indiretamente pela construção dos parques. Destacam-se aqui dois gráficos: no primeiro, evidenciam-se as principais fontes que contribuem para difusão de informações sobre energia eólica; o segundo é representativo da opinião dos entrevistados sobre a possível construção/consolidação de imagem virtual do Nordeste como maior produtor de energia eólica.

**Gráfico 1** – Principais fontes difusoras de informações sobre energia eólica



**Fonte:** Questionário elaborado no *Google Form*. Arquivo dos autores (2021).

**Gráfico 2** – Consolidação de uma terceira imagética do Nordeste



**Fonte:** Questionário elaborado no *Google Form*. Arquivo dos autores (2021).

No Gráfico 2, vislumbra-se importante fonte de dados, por meio da qual se apresentaram aos entrevistados informações referentes aos doze estados brasileiros que se destacam no setor eólico; destes, oito situam-se no Nordeste. Do total de 1.191 parques instalados no país, 1.085 situam-se no Nordeste, ou seja, mais de 90%. Diante do ensejo, investiga-se junto aos respondentes se estes acreditam na projeção da imagem nordestina, associada ao maior produtor de energia eólica. Dentro da escala *likert*, as opções 4 (concordo) e 5 (concordo totalmente) prevalecem, ambas com 38,5% que acreditam nessa difusão imagética. Dessa forma, constata-se que o Nordeste plural, diverso, complexo, multifacetado, de características físico-geográficas singulares forja no hodierno uma terceira e fundamental imagem, na qual aqui convencionou-se chamar de “o Nordeste que descobriu os ventos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nordeste é uma região multifacetada que se transmuta no espaço-tempo e difunde distintas imagéticas. No passado, as imagens que emergiram associaram-se à produção açucareira (Zona da Mata) e ao desenvolvimento algodoeiro-pecuarista (sertão); atividades que na hodiernidade permeiam os interstícios da região, mas que não são mais capazes de explicá-la. Observa-se o

processo de modernização, do ordenamento do território e da economia, que não se pauta mais nas atividades do passado, mas no agronegócio, no turismo e mais recentemente na energia eólica, ou seja, o Nordeste é redimensionado, desconstruído e reconstruído.

Surgem novas imagéticas, associadas às potencialidades e condições favoráveis à produção frutícola, que se aliam aos aspectos infraestruturais e econômicos, como a construção de reservatórios hídricos, sistemas técnicos de irrigação, ampliação da malha viária, fatores atrativos para empresas agrícolas modernas e mercado de insumos, que favorecem a cadeia produtiva do agronegócio. Coloca-se em prática novo discurso, que apresenta o semiárido por outro prisma, relacionando-o a uma virtualidade.

Dantas e Elias evidenciam “dois Nordestes”, o primeiro associado ao agronegócio, o segundo ao turismo litorâneo. Rodrigues (2021) aponta um terceiro momento “O Nordeste que descobriu os ventos”. Difunde-se uma terceira imagética, associada à região que se mostra promissora na geração de energia eólica, mas também na produção fotovoltaica e do hidrogênio verde. Constrói-se uma nova percepção na população autóctone e alóctone de um Nordeste que alcançou “independência” energética.

Percebe-se a divulgação de informações, conhecimentos e notícias vinculadas às eólicas, que reverberam nos mais variados grupos, como população autóctone/alóctone, trabalhadores da cadeia produtiva. Observa-se uma teia de informações que forjam uma imagem do Nordeste capitaneada como maior produtor de energia eólica. Colaboram nesse processo jornais, revistas, televisão, internet, meio acadêmico, propagandas de empresas e dos governos.

Dentro dessa lógica imagética, aglutinam-se também aspectos negativos relacionados aos impactos em área de fragilidade ambiental, especialmente na zona de costa, uma realidade que se propaga envolta de conflitos socioterritoriais, socioambientais difíceis de se compreender e que dividem opiniões. É nesse

contexto que se evidencia a consolidação de uma terceira imagem do Nordeste, que propaga a concepção de modernidade, sustentabilidade, propicia visibilidade aos empresários dos ventos, mas eclipsa impactos de caráter socioambiental sofridos por comunidades tradicionais que lutam pela posse de territórios no litoral nordestino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANA. Agência Nacional de Águas. **Usos da água: Hidroeletricidade**. Brasília: Gov., 2018. Disponível em: <https://www.ana.gov.br/usos-da-agua/hidroeletricidade>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ANEEL. **Sistema de Informações de Geração da Aneel - SIGA**. 2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojNjc4OGYyYjQtYWM2ZC00YjllLWJlYmEtYzd kNTQ1MTc1NjM2liwidCI6IjQwZDZmOWI4LWVjYTctNDZhMi05MmQ0LWVhNGU5Y zAxNzBlMSlslmMiOjR9>. Acesso em: 03 mar. 2022.

ARAÚJO, Luana Lima Bandeira. **Turismo Regional no Litoral do Nordeste brasileiro**. 2018. 248 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2018.

169

BNB. Banco do Nordeste. **Relatório Agronegócio 2019**. Fortaleza: BNB, 2019. 28 p.

BRASIL. Ministério do Planejamento. **Em nove anos, investimentos executados pelo PAC somam R\$ 1,9 trilhão**. Brasília: MP, 2016. Disponível em: <http://pac.gov.br/noticia/68777baf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa; MOTA, Dalva Maria da; SILVA, Pedro Carlos Gama da. Transformações recentes nos espaços de fruticultura do Nordeste do Brasil. *In*: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: BNB, 2006.

CORDEIRO, Itamar; BENTO, Eloíza; BRITTO, Carlos. Turismo e desenvolvimento sustentável: considerações sobre o modelo de resorts no litoral nordeste do Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 355-369, dez. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1154/115421323005.pdf>. Acesso em: 11 maio 2023.

DANTAS, Eustógio W. C. A construção da imagem turística de Fortaleza/Ceará. **Mercator**, Revista de Geografia da UFC, v. 1, n. 1, p.53-60, jun. 2002.

DANTAS, Eustógio W. C. Metropolização turística em região monocultora industrializada. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 65-84, 30 set. 2013.

DANTAS, Eustógio W. C. O Nordeste desconstruído ou reconstruído? **Revista Franco-Brasileira de Geografia**: o Brasil e a revolução geopolítica mundial, França, v. 501, n. 56, p. 1-14, nov. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/21089>. Acesso em: 11 dez. 2020.

DNIT. Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte. **Rodovias Federais**. Brasília: Gov., 2019. Disponível em: [https://ide.geobases.es.gov.br/layers/geonode:dnit\\_rodovias\\_es\\_31984/metadato\\_detail](https://ide.geobases.es.gov.br/layers/geonode:dnit_rodovias_es_31984/metadato_detail). Acesso em: 22 dez. 2023.

EARTH, Natural. **Downloads**. 2019. Disponível em: <https://www.natureearthdata.com/downloads/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 13, n. 2, p.153-167, nov. 2011.

ELIAS, Denise. Agronegócio globalizado e (re) estruturação urbano-regional. *In*: ENANPUR, 17., 2017, São Paulo. Desenvolvimento, crise e resistência: quais os caminhos do planejamento urbano e regional? **Anais** [...]. São Paulo: Enanpur, 2017. p. 1 - 16.

GOMES, Iara Rafaela. **Agricultura e Urbanização no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

GUIMARÃES NETO, José Artur Ribeiro; VIEIRA, Ralffo. **Energia eólica**: atração de investimentos no Estado do Ceará. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da População Brasileira**. Rio de Janeiro: Gov, 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 18 mar. 2019.

INFRAERO. **Mapa da Rede de Aeroportos**. Brasília: Gov, 2020. Disponível em: <https://www4.infraero.gov.br/mapa-da-rede/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MINFRA. Ministério da Infraestrutura. **Rodovias Federais**. Brasília: Gov, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/transporte-terrestre/rodovias-federais>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MTUR. Ministério do Turismo. **Mapa do Turismo Brasileiro**. Brasília: Mtur, 2019.

PEREIRA, Alexandre Queiroz; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; GOMES, Iara Rafaela. **Lazer na praia**: segunda residência e imobiliário turístico no Nordeste. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

RODRIGUES, Frederico do Nascimento. **Nordeste Brasileiro Multifacetado**: do sertão bucólico aos ventos que tocam o litoral. 2021. 240 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2021.

SANTOS, Jean Carlos Vieira. **Região e destino turístico**: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares. São Paulo: All Print, 2013.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, José Borzacchiello da *et al.* **Litoral e sertão**: natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

TAVEIRA, Marcelo da Silva. A turistificação de São Miguel do Gostoso: a internacionalização da "cidade dos ventos". **Revista Turismo y Desarrollo Local**, Espanha, v. 8, n. 19, p. 1-16, dez. 2015.

Submetido em: 18 de abril de 2023.

Aprovado em: 19 de dezembro de 2023.

Publicado em: 23 de janeiro de 2024.

171